

**A SEMIÓTICA DE RAMÓN LLULL:
linguagem, lógica e ciência na *Ars Magna***

FILOMENA VASCONCELOS
fvasconc@letras.up.pt

Quando tenhas encontrado a negrura sabe que
nessa negrura se oculta a brancura e é preciso que
a extraias. (...)
Também aparecem antes da brancura as cores do
pavão. (...)
Por fim, aparece o rei coroado com o diadema
vermelho. (...)

Roger Bacon

Abordar Ramón Llull (Raimundus Lulius, 1232-1315), racionalista místico do cristianismo medieval e também alquimista, deveria compreender uma reflexão aturada sobre a relevância do seu pensamento e obra no âmbito do conhecimento científico da época que, por sua vez, se encontrava indissolivelmente ligado ao conhecimento de Deus e do mundo, por via das suas mais importantes manifestações: a fé religiosa, a natureza, a linguagem, as artes. A Arte suprema – interpretada pela alquimia – era o conhecimento totalizante de Deus e de todo o universo criado, com base num sistema lógico de relações analógicas que vigorava em todas as áreas do saber, desde a álgebra, a geometria e os sistemas linguísticos até à astronomia/astrologia, passando pela anatomia humana e dos seres vivos, pela cura das enfermidades através do recurso aos elementos e, essencialmente, às ‘naturezas’ primordiais que presidiam aos elementos¹. Não obstante, a breve reflexão que deixo nestas páginas,

¹ A alquimia árabe representa na Idade Média o elo crucial entre as alquimias antigas, chinesa e grega, e a futura evolução da ciência ocidental. Jâbir Ibn Hayyân (721-815) ou Geber, como se tornou conhecido no Ocidente, é o nome de referência para a

por ignorância minha numa área tão complexa e densa, à qual se alia o receio de incorrer em imprecisões desnecessárias – e desrespeitosas para com os especialistas –, irá centrar-se em alguns aspectos da *Ars Magna* ou *Ars generalis* ligados ao pensamento e ao estudo da linguagem. O meu ponto de partida é um eixo de referências em torno da filosofia da linguagem que, na sua longa esteira pelo tempo, é marcada por ideologias e padrões epistemológicos diversos, desde o pensamento grego pré-socrático², em confluência com importantes raízes asiáticas do pensamento antigo, até referências mais recentes como Wittgenstein, Derrida, Putnam ou Habermas. Contudo, e apesar das óbvias diferenças epistemológicas nos modos de pensar a linguagem, é na consistência da lógica num sentido lato que, de um ângulo mais abrangente, importa pensar o quadro de uma teoria geral dos signos, uma semiótica geral, como uma espécie de denominador comum que permita comportar múltiplas operações e combinatórias³. Ramón Llull é um dos elos desta imensa

alquimia, a matemática e a cosmologia da época, a quem se deve o afastamento da teoria aristotélica da primordialidade dos elementos, ao considerar, pelo contrário, que existiam quatro qualidades elementares – ou ‘naturezas’ – cujas combinações criavam o mundo natural e, conseqüentemente, os elementos. Assim, os quatro elementos – terra, água, fogo e ar – não são princípios fundamentais mas antes as ‘naturezas’ que os constituem: o seco e o húmido, o quente e o frio. Em termos gerais, estes princípios irão ser igualmente válidos para Llull, no século XIII, bem como mais tarde para Paracelso, que irá operar profundas rupturas nos pressupostos da alquimia e da ciência vigente, impondo-lhes novos traçados com importantes repercussões futuras. Muito brevemente deve referir-se que Paracelso não nega a primordialidade dos elementos de Aristóteles, uma vez que eles são formativos dos corpos materiais. No entanto, os elementos aristotélicos são apenas manifestações dos três elementos químicos primordiais – o Enxofre, o Mercúrio e o Sal – omnipresentes mesmo fora dos quatro elementos físicos. É, pois, no seguimento de transformações químicas dos três elementos primordiais, num estádio suplementar de separação, condensação e coagulação, que nascem os elementos aristotélicos.

² Abordo estas questões no ensaio «Utopia, Linguagem e Poética no pensamento grego: dos Pré-socráticos a Platão» in *Revista das Utopias Portuguesas*, 1, Porto, 2004 – www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas.

³ Sem esquecer a viragem pragmática que, na linha de Rorty, Putnam representa (seguindo referências anteriores como Austin, Peirce, Apel, Chomsky, Thom ou Parret), a relativa exceção a esta ordem lógica parece ser Böhme, uma vez que o seu pensamento liga-se prioritariamente à filosofia natural e não à filosofia racional (ou lógica): a primeira – com origem na Renascença latina até Descartes – relaciona-se directamente com os pressupostos da física e das ciências naturais, definidos sistematicamente por Aristóteles na *Física*, enquanto a segunda comporta, numa das suas partes, o estudo dos signos (textos de Porfírio (*Isagoge*) e de Aristóteles (*Categorias*; *Peri hermenias* ou *Da Interpretação*; *Analíticos Posteriores*)). Cf. John Deely, *Introdução à Semiótica*, Lisboa, Gulbenkian, 1995: p. 17ss..

cadeia, razão pela qual escolhi tratar aspectos da sua obra que o pudessem ilustrar. Estou ciente, todavia, das lacunas que forçosamente este texto irá apresentar no plano da contextualização histórica, em particular no que respeita, por um lado, à complexa rede de influências proveniente das tradições do misticismo cabalístico e das práticas alquímicas, assim como dos sistemas de notação simbólica gregos, persas, hebraicos, árabes, chineses e indianos que, de certo modo, podemos ver fundidos com o esoterismo numérico pseudo-pitagórico. Por outro lado, também não irei aqui desenvolver o processo de implantação e evolução histórica do projecto de Llull, não só em Maiorca, com Pachs, Vileta e Marzal, mas igualmente em Espanha, sob a protecção de Filipe II e de Cisneros, bem como em Itália, França, Inglaterra e na Alemanha, apelando a pensadores de craveira superior como Nicolau de Cusa, Pico della Mirandola, Giordano Bruno, Descartes, Bacon, Gassendi, ou Leibniz. Ainda no âmbito histórico, registo a lacuna da influência do lulismo em Portugal que, não obstante, obteve uma notável implantação nos séculos XV e XVI, seguindo três orientações diferentes, a saber: a orientação polémico-racionalista, a lógico-enciclopedista e, finalmente, a orientação mística⁴. Sem esquecer a pertinência do pensamento de Llull em Agrippa von Nettesheim ou em Paracelso, e ultrapassando aspectos igualmente relevantes da repercussão da semiótica de Llull em J. E. Alsted e Izquierdo, destacarei a sua influência assumida em filósofos alemães do século XVII, como Athanasius Kircher e Leibniz. Assim sendo, e dado à natureza teórica geral deste ensaio, não avançarei em comparações detalhadas entre os diversos sistemas, pois não incluirei qualquer exposição descritiva da análise dos textos dos respectivos autores, especialmente no que diz respeito à escolha dos símbolos, à organização dos diagramas, tendo em conta – sobretudo em Leibniz – os conceitos subjacentes de língua universal ou *lingua philosophica*.

1. Em 1666, em *De Arte Combinatoria*, Leibniz reflecte sobre a *Ars Magna* de Llull, estabelecendo-a como ponto de referência operatória para o estudo das línguas artificiais e combinatórias. A base comum de sustentação de ambos poderá encontrar-se no conceito estruturante de *mathesis universalis* que fundamenta importantes correntes do pensamento racionalista ocidental, na tradição aristotélica, e abrange não só Llull, na alta Idade Média ibérica, de forte influência árabe, como também posteriormente, nos séculos XVII e XVIII, Descartes e Leibniz⁵. Como já

⁴ V. Carreras y Artau, *Historia de la Filosofía Española. Filosofía Cristiana de los siglos XIII al XV*, T. II, Madrid, 1943.

⁵ Embora Leibniz seja um filósofo essencialmente da segunda metade do século XVII, vivendo até 1716, a influência da sua obra e, particularmente, da sua semiótica e

referi, o meu intuito neste momento não é o de estabelecer pontos de comparação sistemática entre estes autores mas o de salientar alguns aspectos do pensamento de Llull nas suas preocupações particulares sobre a linguagem e sobre os signos em geral.

Ramón Llull⁶ nasceu em Maiorca, numa família da nobreza catalã, de ascendência francesa, com importantes ligações à corte de Jaime I de Aragão. Foi, pois, no meio cortesão de Maiorca, faustoso e culturalmente rico, que Llull cresceu, obtendo uma educação cuidada e uma vasta formação intelectual, na qual se incluía o conhecimento aprofundado das principais línguas do saber da época, o latim e o árabe, para além do catalão como língua materna. Após os anos boémios e atribulados da juventude, Llull sucumbe a uma profunda crise espiritual que deixará marcas indeléveis para o rumo futuro de toda a sua vida⁷. Na convicção inabalável da verdade e justeza do dogma cristão, Ramón Llull assume como uma espécie de missão dedicar a sua vida à conversão dos infiéis pelos meios paradoxais que unem princípios de fé a postulados da razão.

A necessidade de demonstrar e comprovar racionalmente os articulados da fé cristã orientou a elaboração da obra central do pensamento luliano, a *Ars Magna*, ou *Ars Generalis*, ou seja, uma ‘arte’ universal – no sentido de ciência geral que lhe estava associado – como meio de alcançar a verdade teológica e metafísica, através da combinação lógica e simbólica de signos provenientes de sistemas semióticos vários. A ‘arte magna’ é, por isso mesmo, uma *ars inveniendi* ou ‘arte da invenção’, partindo do princípio de que entre o plano teológico, o plano espiritual e psicológico, ou ainda o plano físico existem correspondências e paralelismos lógicos fundamentais, passíveis de serem representados por um número reduzido de signos, em operações combinatórias mais ou menos complexas. Com efeito, a rigorosa dedução lógica operada por Llull no seio das verdades da fé, no intuito de lhes conferir inteligibilidade racional, apoia-se nos princípios que regiam na época o conhecimento da ciência

reflexões sobre a poética, é marcante no século XVIII pela abertura que possibilitou às novas correntes filosóficas do sujeito. Algumas destas questões são por mim estudadas no ensaio «Filosofia da Linguagem do século XVIII» (in *Imagens de Coerência Precária*, Porto, Campo das Letras, 2004: pp. 39-50).

⁶ Também traduzido para português como Raimundo Lúlio.

⁷ A crise é despoletada pela visão de Cristo crucificado, em quatro ou cinco momentos diferentes: a informação biográfica nem sempre é concorde. Neste caso particular, em virtude dos objectivos deste estudo, este pormenor biográfico revela-se subsidiário. As fontes consultadas são dispersas e remetem para o conjunto da bibliografia sobre Llull, apresentada ao longo deste ensaio.

geral, articulado sobre uma base predominantemente aristotélica, que formatava toda a estrutura dos estudos escolásticos no tocante ao conjunto das sete artes liberais⁸. Considerando-os na sua supremacia irrefutável, todavia, sem aderir integralmente ao pensamento aristotélico, como adiante esclarecerei, Llull estava seguro de que estes princípios seriam aceites tanto por fiéis como por infiéis, bastando enumerar os possíveis predicados de um dado objecto para, com base neles e nas possíveis combinatórias dos seus termos, poder encontrar as leis formais universais que o regiam. Assim, na sua tentativa sistemática de fazer coincidir a razão com a revelação, os pressupostos teológicos com os filosóficos, a *Ars Magna* de Llull pretendia converter os infiéis e ao mesmo tempo demarcar-se tenazmente dos averroistas latinos, como o atesta o longo conflito iniciado em Paris nos finais do século XIII (cerca de 1287-88). Muito sucintamente, refira-se apenas que a oposição a Averróis⁹ e aos seus seguidores se deveu essencialmente ao profundo estranhamento das suas doutrinas de alicerce aristotélico face ao cristianismo coevo já modelado pelo neoplatonismo. Averróis defendia a existência primeira das substâncias individuais, produzindo-se na mente a distinção entre elas e a sua essência. Sem confundir o conceito de verdade com os múltiplos modos de a ela aceder, e numa tentativa complexa de conciliar a teologia com a filosofia – algo de semelhante é patente na aproximação de Llull da teologia com a filosofia e com a ciência – Averróis, aristotélico islâmico, apresenta noções controversas ao cristianismo, como a eternidade do mundo (excluindo o Juízo final e a visão apocalíptica do fim do mundo), a ausência de uma providência individual e a imortalidade unicamente colectiva, assentes na concepção de um intelecto passivo, imaterial e universal, comum a todos, que a todos faculta tudo o que existe de comum e imortal nos seres humanos.

Ao que parece, no entanto, e apesar do brilhantismo das suas teses, Llull não dispunha de uma formação escolástica convencional, supondo-se que os seus conhecimentos nas respectivas áreas do saber se fundavam em traduções vernáculas das principais obras dos mestres antigos ou em enciclopédias latinas¹⁰. Mas estas circunstâncias não eram impeditivas do seu propósito claramente pragmático e moralizador, que visava essencialmente tornar acessível ao público leigo aquilo que ele próprio

⁸ Distribuídas pelo 'Trivium' e pelo 'Quadrivium'.

⁹ Ibn Rushd (1126-98).

¹⁰ V. Mark D. Johnston, *The Spiritual Logic of Ramon Llull*, Oxford, Clarendon P, 1987.

acreditava ser a verdade sobre Deus e sobre o homem, no contexto complexo da existência. Mais importante a ter em conta nesta época, porém, é a influência da cultura árabe no sul da Península Ibérica, distinguindo-se, entre outros saberes, o estudo da língua e da gramática árabe, por exemplo, com Ibn Mlik (século XIII), autor de *Alfiyya*, uma gramática na forma de poema didático com mil versos¹¹. É no espaço ibérico de predominância árabe que se compreende o fácil acesso de Llull ao vasto legado da lógica árabe, através da leitura – ao que se crê parcial – da obra de grandes autoridades como Algazel, e se percebe a razão de, nos finais dos anos 60 do século XIII, o filósofo catalão ter decidido traduzir para árabe as suas primeiras obras, todas elas de carácter compilatório enciclopédico, entre as quais se destaca um compêndio sobre a lógica de Algazel: *Libre del gentil e los tres savis* e *Libre de contemplaci*. Na verdade, a Espanha da alta Idade Média tornara-se um dos centros mais relevantes para o estudo e a elaboração da gramática árabe e, conseqüentemente, para o estudo sistemático da língua. De registrar, particularmente, o contributo das noções de raiz e flexão patentes nas gramáticas árabes para os posteriores estudos dos gramáticos europeus (Kristeva, 1983: p. 158).

Como vimos, embora tenha sido motivada por razões de fé missionária, a *Ars Magna* de Llull aspirava fundamentalmente à construção de uma ciência formal e universal que constituísse um sistema de princípios e regras passíveis de serem combinados através de um número limitado de termos, de modo a produzir a totalidade das verdades na correlação das várias ciências. Este processo combinatório envolvia métodos técnicos e automáticos servindo para estabelecer um conjunto completo de proposições possíveis que respondessem a todas as questões possíveis, de modo a descobrir e a demonstrar a soma total das verdades que se podem obter através do conhecimento das chamadas “razões necessárias”¹². Assim, Llull coloca em Deus um conjunto de atributos essenciais, como a eternidade, o poder, a sabedoria, a bondade, a grandeza, visando relacioná-los com todos as criaturas ao estabelecer padrões de semelhança. Estamos perante um tipo de lógica comparativa, material e não formal, em que os conceitos, em paralelo com toda a realidade existencial, se fundam ontologicamente (Johnston, 1987).

¹¹ Trata-se sobretudo de uma teoria morfológica, orientada segundo a divisão tripartida do discurso em nome, verbo e partícula. Não obstante, a atenção dada ao estudo das flexões indicia já uma reflexão sobre a sintaxe (Kristeva, *História da Linguagem*, Lisboa, Ed.70, 1983: p. 157).

¹² Mais do que “razões necessárias” estas seriam antes ‘razões de congruência’.

Julgo importante reter neste ponto, ainda que de modo sumário e por isso mesmo reductor, dois aspectos subjacentes à lógica de Llull, que de certo modo explicitam e enquadram alguns dos seus pressupostos: por um lado, a metafísica exemplarista, por outro, o misticismo. A primeira projecta influências neoplatónicas, através de Santo Agostinho, ao conceber que todas as coisas procedem e reflectem as realidades divinas, uma vez que a elas são similares. É a visão agostiniana que fundamenta em Llull as relações entre a razão e a fé, situadas, obviamente, no contexto pré-tomista do optimismo racionalista de S.¹⁰ Anselmo. Em segundo lugar, e partindo da subdivisão da alma em cinco potências (vegetativa, sensitiva, imaginativa, mocional e racional), as doutrinas místicas de Llull combinam influências tanto aristotélicas com agostinianas, ao pretenderem demonstrar o modo como a alma ascende aos planos contemplativos, na fusão complexa e paradoxal entre a abstracção racional e a iluminação espiritual. Enquanto potência racional, a alma congrega ainda três outras subpotências – a memória, o entendimento e a vontade – que se aliam aos cinco ‘sentidos’ intelectuais, capazes de entender as realidades espirituais. A ascensão da alma até à contemplação, pela via mista da abstracção e da iluminação, permite-lhe alienar-se da cognição sensorial, que só é completamente anulada quando os ‘sentidos’ espirituais da alma são activados. Esta é a verdadeira plataforma de acesso à ‘contemplação em Deus’.

Com base nestas premissas, Llull estabelece um conjunto de seis categorias principais, compreendendo cada qual nove subcategorias, para sobre elas construir um sistema combinatório complexo, permitindo a determinação de todos os sujeitos possíveis para um dado atributo ou predicado, assim como a conclusão e o termo médio dos silogismos incompletos. E é justamente neste ponto que Llull se demarca da lógica tradicional aristotélica, essencialmente demonstrativa, para propor um tipo de procedimento ‘inventivo’. Assim, partindo de categorias de aplicação universal e operando com um sistema de notação simbólica em diagramas combinatórios, servindo-se das letras maioritariamente do alfabeto latino¹³, mas também de números e de figuras geométricas, Llull elabora as leis básicas de um procedimento sintético, inventivo, no sentido transformacional que muitos séculos mais tarde irá caracterizar a gramática chomskiana, em contraste com a gramática normativa, que os modelos algo estáticos da linguística estrutural ainda contemplaram. A ‘arte

¹³ Encontramos também o ‘K’ e ‘T’, que deve ser lido como ‘Tau’ grego, signo do hermafroditismo divino e humano. Pelo seu valor simbólico, tanto o ‘Tau’ como o ‘A’ figuram no centro dos diagramas.

combinatória' de Llull converte-se, então, num digno antecessor da lógica simbólica, no seu esforço para unificar e matematizar o conhecimento. Com efeito, todo o processo de construção destes diagramas é literalmente engenhoso, assentando numa estrutura mecânica rotativa regida pelo princípio do eneagrama, ou seja, o princípio de que todos os mundos e fenómenos naturais se encontram organizados em torno do número nove, pois eram nove os atributos ou nomes de Deus, como bondade (*bonitas*) – B, grandeza ou magnitude (*magnitudo*) – C, duração (*duratio*) – D, poder (*potestas*) – E, sapiência (*sapientia*) – F, vontade (*voluntas*) – G, virtude (*virtus*) – H, verdade (*veritas*) – I – e glória (*gloria*) – K (Roob, 1997: p. 287; p. 658)¹⁴. Aos atributos divinos Llull fez corresponder as letras de B a K¹⁵, sem utilizar a primeira letra – A – que era reservada ao aspecto secreto de Deus, *En-Soph*. Por seu turno, à principal chave algébrica eram atribuídos, na forma adjectiva, nove predicados relativos, questões cardinais, temas, virtudes ou vícios. Por exemplo, a *bonitas* correspondia *bonum*, a *magnitudo* correspondia *magnum*, a *duratio*, *durans*, e assim por diante. Em outros diagramas identificavam-se os opostos (vícios) destas qualidades ou atributos divinos. Essencialmente descrito na *Ars brevis*, uma condensação de temas específicos abordados na *Ars Magna*¹⁶, o sistema baseava-se então na sobreposição concêntrica, em redor de um eixo, de vários discos de diâmetros diversos, feitos em cartão, madeira ou metal, contendo cada qual um conjunto limitado de diferentes palavras ou letras que, de acordo com as suas múltiplas possibilidades de combinação, permitiam gerar proposições comprovativas dos princípios que regiam toda a existência, na plena sintonia do macro com

¹⁴ Apoiado nas investigações do seu discípulo J. G. Bennett, Gurdjieff descobre o eneagrama por volta de 1900, na forma de uma figura coreográfica, numa comunidade de dervishes Naqshbandi, no Uzbequistão, seguindo uma linha de tradições da sociedade secreta dos 'Puros Irmãos de Basra', formada cerca de 950 d. C. Estes desenvolveram um sistema universal em torno do número nove, em escritos de carácter enciclopédico de extrema relevância para a história da química, que chegaram ao ocidente através da cultura árabe, obtendo grande divulgação em Espanha no século XI. Não obstante, todo a rede de relações trinitárias entre os atributos divinos que o eneagrama supõe tem origem no Sufismo, ou seja, num dos ramos do misticismo islâmico com fortes influências pitagóricas e neoplatónicas. Crê-se como provável que Llull os tenha descoberto no século XIII e utilizado como base da *Ars generalis*. V. A. Roob, *Alquimia e Misticismo*, Colónia, Taschen, 1997.

¹⁵ A letra 'J' não surge representada no alfabeto.

¹⁶ Composta essencialmente apenas pela combinatória das letras, enquanto signos algébricos, sem recurso a qualquer identificação das mesmas por via da palavra correspondente.

o microcosmo. De todas as ‘figuras combinatórias’ criadas por Llull distingue-se a *figura universalis*, considerada como a sua obra-prima pela complexidade combinatória dos catorze discos que a integram. Não obstante, sublinhe-se que a *Ars* de Llull não foi concebida unicamente como procedimento lógico mas igualmente como método de contemplação, pois o homem lógico e polemista em Llull não era dissociável do místico. A via lógico-filosófica era antes de mais a porta aberta para a mística.

Trata-se, em suma, de um procedimento lógico que não se restringe à análise das verdades conhecidas mas que avança no sentido de encontrar os meios para descobrir novas verdades, permitindo então um alargamento exponencial do âmbito do conhecimento humano. O método lógico-científico de Llull compreende, assim, quatro factores distintivos que, por um lado, se fundam sobre um misto de tradições antigas de origens diversas e, por outro, constituem a referência basilar de modelos posteriores como, por exemplo, o de Giordano Bruno (1548-1600) em *De lampade combinatoria luliana*, o de Guillaume Postel (1510-1581), no *Livre da la formation*, o de Athanasius Kircher (1602-1680) na *Tabula combinatoria*, ou o de Leibniz (1646-1712), na *Ars combinatoria*. O método luliano compreende, pois, quatro factores que o definem e distinguem, a saber: 1. Trata-se, antes de mais, de um método mecânico que permite, como a própria designação indica, a ‘mecanização’ das operações lógicas. 2. Constitui igualmente o primeiro esboço concreto para realizar o velho ideal da universalidade da ciência e do conhecimento, ao apresentar-se devidamente instruído com um conjunto de procedimentos adequados à sua execução prática. Por seu intermédio, Llull estava convicto de que se encontrara o fundamento de todas as ciências, como princípio de sistematização e inter-relação das várias disciplinas. 3. O recurso à antiga concepção de uma árvore da ciência como modelo integrador é também seguido por Llull no intuito de organizar o conhecimento segundo uma taxinomia específica, que compreendia uma ordem quadripartida. O conhecimento passa a ser definido, então, como ontológico, exaustivo, categórico e hierárquico. 4. Finalmente, a proposta de Llull representa a esquematização de um modelo que surge como enquadramento fundamental e verdadeiro predecessor do modelo conceptual da *mathesis universalis*, ou seja, do projecto de construir uma única ciência universal procedente de instrumentos categoriais aplicáveis às várias ciências, ao postular a co-naturalidade original do pensamento e do ser, cujas articulações e estruturas profundas podem ser directamente observáveis.

2. Muito embora a *Ars Magna* tenha sido a sua obra fundamental, Llull deixou 256 livros, num total de cerca de 27 000 páginas, incluindo escritos de carácter filosófico, missionário e místico, de literatura didáctica e de poesia. Escreveu essencialmente em catalão, criando as raízes do catalão literário, e muito frequentemente em árabe, para além de providenciar de imediato a tradução dos seus escritos para latim, no intuito de facilitar a sua maior divulgação na Europa, como viria a verificar-se.

618

A influência do pensamento luliano, particularmente na *Ars Magna* ou *Ars Raymundi*, como ficou igualmente a ser conhecida, fez-se sentir amplamente no renascimento e no racionalismo clássico posterior, muito embora tenha sofrido severas críticas de Bacon, Descartes e mesmo de Leibniz, em alguns aspectos. No século XVII, Johan Heinrich Alsted (1588-1638) desenvolveu o modelo do enciclopedismo luliano, para o qual contribuiu igualmente Sebastian Izquierdo (1601-1681). Também os cabalistas cristãos declararam a sua dívida para com o pensamento luliano, algo que pode ver-se reflectido em autores desde Agrippa von Nettesheim até Giordano Bruno que aliaram à arte combinatória de Llull ideias mágico-astroais. Em inúmeros escritos alquímicos, bem como nas suas diversas representações, a roda giratória, os diagramas, os círculos, sempre identificaram o protótipo de todos os processos evolutivos e transformacionais. Enquanto Agrippa refere os 'selos mágicos' enquanto pontos de energia situados – em analogia com os signos de Llull e mais tarde de Kircher, Böhme e Leibniz – em determinada combinatória com os demais, por forma a demonstrarem a sua similitude com uma representação divina ou com a representação desejada pela alma do agente, Bruno, por exemplo, combina a mnemotécnica clássica com os discos rotativos de Llull, atribuindo às rubricas individuais os símbolos dos decanos zodiacais, as representações dos planetas e das fases da lua. Nicolau de Cusa, por seu turno, designou a 'arte-do-disco' como a 'teologia circular', através da qual lhe foi possível desenvolver uma teoria quanto à coincidência dos opostos e à natureza infinita de todas as coisas (Roob, 1997: p. 597; p. 287).

Athanasius Kircher apresentou a sua *Ars Magna Sciendi* em 1669 como uma continuação e versão aperfeiçoada da *Ars* de Llull. Partilhando com Llull, mas segundo princípios epistemológicos e religiosos diversos, a visão cabalista de que a criação é um acto combinatório, um processo multiplicativo e infinitamente permutativo dos nove atributos divinos revelados (*Sephiroth*), Kircher é talvez a figura mais representativa da 'curiosidade' barroca, dedicando-se ao estudo comparativo de diferentes sistemas simbólicos para elaborar duas propostas diferentes de um modelo

possível de linguagem universal. Nesta óptica, o universo é um sistema construído de analogias e correspondências estruturais, obedecendo às leis da lógica e da harmonia das proporções. Apesar de se fundar na *Ars* de Llull e em todo o sistema de símbolos que esta apresenta, a *Ars magna sciendi* de Kircher apresenta duas inovações: a primeira tem a ver com a precisão do signo enquanto significação e valor no sistema em que se insere, a segunda tem a ver com a substituição do signo arbitrário pelo 'hieróglifo' motivado. Por outras palavras, muito embora Kircher demonstre uma preocupação análoga a Llull com a escolha do simbolismo mais adequado à expressão e comunicação das coisas, e não prescindir da metodologia luliana nem das seis classes de categorias medievais, ele distancia-se do seu antecessor catalão quando este utiliza os mesmos signos para representar diferentes categorias de diferentes classes. Cada categoria passa necessariamente a ser representada por signos diferentes, no intuito de conferir ao sistema uma maior precisão e clareza. Por sua vez, também os conceitos lulianos são substituídos pelos 'hieróglifos' de Kircher, denunciando-se a natureza arbitrária dos signos (letras) de Llull em favor da construção de um alfabeto simbólico destinado a aproximar-se o mais possível da natureza, no momento em que aspira a transcender as significações meramente apreendidas pelos sentidos. Obviamente, todas estas questões irão encontrar eco na linha de pensamento da linguagem e da natureza que liga Böhme a Leibniz, como em outro lugar tive oportunidade de expor (Vasconcelos, 2004: pp. 17-50).

Uma palavra final: para a alquimia, a Arte suprema na procura do Ouro essencial, da Pedra Filosofal, precursora da química, da farmacologia e da medicina, limiar do conhecimento lógico-formal da ciência, os signos, letras ou números, são ideogramas e, na arbitrariedade que tanto Llull como Leibniz lhe conferiram, eles são também 'caracteres' da *mathesis* universal. Leibniz, o inventor da calculadora alemã, muito depois do ábaco árabe, definia Llull como o padrinho da lógica matematicamente formalizada.

Ao chegar ao limiar de uma nova esteira de reflexões, pelo trilho que separou definitivamente o conhecimento científico do ancestral saber alquímico, resta-me conceder que este texto jamais seria o ponto de chegada a qualquer lado. É um ponto de partida. Para onde? Em que direcção? Com que objectivo? Vejo as linhas que aqui escrevi como um passo apenas na reflexão linguística e semiótica ocidental, no modo como nela se entrecruzam processos de evolução epistemológica e científica, sempre ao encontro de balizas, mas também de rumos ou caminhos da história. Através delas procuro simplesmente chamar a

atenção para a necessidade de se reflectir sobre estes dados no confronto com as correntes contemporâneas do pensamento da linguagem, no sentido de se refazerem nexos e entendimentos mais profundos e esclarecedores por entre as malhas que tecem a história das línguas, do nosso conhecimento do mundo e de nós próprios.